

CONSIDERAÇÕES ACERCA DE A LAVOURA CANAVIEIRA EM SÃO PAULO*

João Ricardo de Castro CALDEIRA**

Conforme afirmou o professor Odilon Nogueira de Matos, não há um livro de síntese sobre a história de São Paulo. Porém, existem obras especializadas, que tratam de "*vários assuntos relacionados a São Paulo, muitas resultantes de teses ou monografias universitárias*"⁽¹⁾. São trabalhos que abordam novos objetos, ao mesmo tempo em que abrem caminho para o estudo de outros temas.

Entre as obras com as características acima apontadas, certamente merece destaque o livro **A Lavoura Canaveira em São Paulo**, de autoria da historiadora Maria Thereza Schorer Petrone, publicado como vigésimo-primeiro volume de uma das mais importantes coleções brasileiras⁽²⁾. Originalmente, esse livro constituiu Tese de Doutorado, defendida em agosto de 1964 junto ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação de Sérgio Buarque de Holanda, Professor Catedrático de História da Civilização Brasileira daquele Departamento, à época.

Em seu trabalho, a autora procurou analisar o processo de desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar em São Paulo, no período

(¹) Versão pouco modificada deste texto foi apresentada durante reunião do Grupo de Trabalho "Historiografia Brasileira" do Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL) do Departamento de História da USP, ocorrida no dia 3 de abril de 1997.

(²) Doutorando em História Social-USP. Bolsista FAPESP.

(1) MATOS, 1997. p. 2.

(2) PETRONE, 1968.

compreendido entre o governo de D. Luís Antônio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus (1765-1775) - primeiro incentivador daquela atividade na região - e os anos de 1850-1851, quando a exportação de café superou, em volume, a de açúcar, iniciando novo ciclo econômico.

De acordo com Petrone, a partir do fim do sonho do ouro, na segunda metade do século XVIII, alguns governadores paulistas passaram a estimular a prática da agricultura, notadamente a da cana-de-açúcar. Para tanto, contaram com *"uma série de condições favoráveis na Capitania e uma conjuntura internacional que propiciou o incremento da lavoura"*³. Tais incentivos, especialmente durante o governo do Morgado de Mateus, visavam *"incrementar a vida econômica que jazia numa grande pobreza"*⁴. As medidas implementadas pelos sucessivos governantes até o final do século XVIII e o crescimento constante da produção conduziram a cana-de-açúcar a ocupar posição cada vez mais destacada na economia da região, que, desse modo, abandonava progressivamente sua situação de miséria. Daí a afirmação da autora:

*"Se as fontes, no início da última década do século XVIII deixam de ser pessimistas a respeito da situação econômica de São Paulo, a partir da segunda década do século XIX tornam-se francamente otimistas. Crê-se no progresso, crê-se nas possibilidades ilimitadas que a agricultura, principalmente a da cana de açúcar, podia oferecer. Fala-se, às vezes, em atraso, mas sempre para incentivar. As palavras decadência e preguiça, tão comuns até o fim do século XVIII, vão desaparecendo pois as condições econômicas se modificaram."*⁵

Segundo Petrone, portanto, o desenvolvimento da lavoura canavieira em São Paulo foi acompanhado também por mudanças nas idéias expressas por cronistas e administradores sobre a vida na região.

Há ainda ao longo do livro diversas análises minuciosas realizadas pela autora, com base em inúmeros documentos. Desses, deve-se destacar a correspondência de Governadores e Capitães, a Coleção de Legislação Portuguesa, as Leis do Brasil, a série Documentos

⁽³⁾ Id., *ibid.*, p. 15.

⁽⁴⁾ Id., *ibid.*, p. 12.

⁽⁵⁾ Id., *ibid.*, p. 21.

Interessantes para a História dos Costumes de São Paulo, Memórias, Relatos e Descrições de Viajantes, Cronistas e Informantes, que foram amplamente explorados pela historiadora. Baseada nos dados obtidos a partir da análise desses documentos, Petrone procurou, por exemplo, caracterizar a origem e extensão das fazendas de açúcar paulistas, os métodos de cultivo nelas empregados - ressaltando que estes baseavam-se em técnicas rudimentares, como as queimadas -, bem como os meios de transporte e comercialização do produto, desde as fazendas até os portos, entre os quais destacava-se o de Santos.

Petrone identifica também a existência de três centros produtores de açúcar e aguardente em São Paulo, localizados "*parte no litoral, principalmente o litoral Norte, e parte em duas áreas distintas de 'serra acima', a saber: a que se estende ao longo do caminho para o Rio de Janeiro e a que se compreende no quadrilátero formado por Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiá*"⁶. Essa última foi a área mais importante, na medida em que nela "os canaviais se disseminaram mais ou menos densamente por toda parte"⁷. Daí a maior parte do livro consistir na análise da produção e comercialização do açúcar oriundo do "quadrilátero". Ademais, como afirma a autora, por ter sido a área mais fecunda dela também foi possível obter maior quantidade de informações.

Ainda de acordo com Petrone, o desenvolvimento da lavoura canavieira em São Paulo promoveu uma "*modificação completa de valores econômicos e sociais*". Assim, por exemplo, pode ser citada a maior valorização da agricultura, antes considerada atividade degradante, e a conseqüente projeção social dos proprietários de fazendas de cana. Como afirma a autora, essa "*classe, que vem da terra e que é enriquecida pela terra, faz esquecer uma longa tradição de aventuras no sertão à procura de índios ou de ouro e pedras preciosas*"⁸. Desse modo, tem origem uma sociedade formada por três classes distintas, das quais duas, "*a dos escravos e a dos agregados, feitores, administradores, foreiros, cultivadores 'a favor', partidistas etc., contribuíam com suas atividades para a projeção social e econômica dos senhores de engenho*"⁹.

⁽⁶⁾ Id., *ibid.*, p. 24.

⁽⁷⁾ Id., *ibid.*, p. 129.

⁽⁸⁾ Id., *ibid.*, p. 129.

⁽⁹⁾ Id., *ibid.*, p. 133.

Portanto, além de apresentar um quadro detalhado da economia açucareira desenvolvida em São Paulo entre 1765 e 1851, Petrone analisa seus efeitos sobre a sociedade e os valores na região. Demonstra, desse modo, que, a partir do crescimento da produção canavieira, estabeleceu-se verdadeira ruptura com a anterior organização econômico-social de São Paulo. Nas palavras de comentadora do trabalho, graças ao açúcar "*transformou-se a paisagem, modificaram-se as estruturas sociais e os valores tradicionais. Rompeu-se com o passado. Uma longa tradição de aventuras no sertão, a procura de índios, de ouro e pedras preciosas foi abandonada e a agricultura que até então era considerada degradante passou a ser a principal atividade da região*"¹⁰.

No entanto, o estudo de Petrone revela que o "ciclo do açúcar" paulista significou não apenas um rompimento com o passado da região, como também um primeiro passo para o futuro. Com efeito, segundo a autora, o açúcar foi também o elemento responsável pelo fato de o café ter encontrado em São Paulo, na segunda metade do século XIX, condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Os sistemas viário e portuário, a estrutura fundiária, a mão-de-obra escrava, a valorização da agricultura, entre outros, foram alicerces que a cafeicultura encontrou razoavelmente sedimentados na região, graças à lavoura canavieira, que por sua vez precisou implementar aqueles fatores para se desenvolver em terras paulistas.

De todo modo, pode-se ressaltar o valor do trabalho aqui comentado na medida em que o mesmo constituiu contribuição fundamental para o preenchimento de importante lacuna da História de São Paulo, posto que, anteriormente, apenas os episódios do bandeirismo e do café haviam sido merecedores de estudos sistemáticos, principalmente por parte de Alfredo Ellis Júnior e Affonso d'Escagnolle Taunay. De acordo com Emília Viotti da Costa, esse aspecto foi destacado pelo orientador da Tese, Prof. Sérgio Buarque de Holanda, que, ao finalizar seus comentários após a Defesa da mesma, salientou "*o caráter pioneiro do trabalho*", o que permitia "*admirar o que existe de positivo nele*"¹¹.

⁽¹⁰⁾ COSTA, 1965, p. 241.

⁽¹¹⁾ COSTA, op. cit., p. 250.

As qualidades do trabalho, porém, não se esgotam em seu pioneirismo. Há que considerar ainda que, através dele, a autora apresentou várias possibilidades de objetos de estudo no âmbito da História de São Paulo, como, por exemplo, a escravidão, os agregados, a região de Cubatão, o caminho da Serra do Mar, a atividade portuária, a administração etc., alguns dos quais viriam efetivamente a ser estudados em diversas Teses posteriormente defendidas junto ao Departamento de História da USP. E outros há que ainda não foram devidamente explorados.

A Lavoura Canavieira em São Paulo é, portanto, obra que merece ser constantemente revisitada, principalmente por historiadores interessados na História de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, Emilia Viotti da. Defesa de Tese de Doutorado da Licenciada Maria Thereza Schorer Petrone. **Revista de História**. São Paulo: Departamento de História-USP, XXX (61): 240-250, janeiro-março de 1965. p. 241.
- MATOS, Odilon Nogueira de. Paulistanismo necessário. **Boletim da Academia Paulista de História**. São Paulo: Academia Paulista de História, 10 (40): 2, setembro de 1997. p. 2.
- PETRONE, Maria Thereza Schorer. **A Lavoura Canavieira em São Paulo. Expansão e Declínio (1765-1851)**. São Paulo: DIFEL, 1968. (Corpo e Alma do Brasil, volume XXI).